



A SURDEZ E O SUJEITO SURDO TOMANDO COMO BASE O FILME NADA QUE EU OUÇA

Amarillis Casimiro do Nascimento ¹
Leonídia Aparecida Pereira da Silva ²

INTRODUÇÃO

O filme “Nada que eu ouça” (Sweet Nothing in My Ear), dirigido por Josefh Sargent, descreve a complexa decisão do casal Laura (surda) e Dam (ouvinte), em decidir se o filho deles, Adam (surdo), realize uma cirurgia de implante coclear. Os pais de Adam se relacionam bem, até que o único filho deles, perde a audição. O casal passa a discordar sobre a medida a ser tomada quando Adam perde a audição aos quatro anos de idade (SWEET, 2008).

Dam acredita na importância do filho ouvir novamente, desejando profundamente que ele passe pela cirurgia, para que possa sentir o prazer de escutar uma música, por exemplo. Laura, porém, enxerga toda a situação de outra forma, pois não vê necessidade em realizar a cirurgia. Para ela, seu filho deve se aceitar como é, e assim ser feliz. Outro aspecto que faz com que a mãe de Adam se posicione contra a cirurgia, se refere ao fato de se caracterizar como sendo um processo delicado (SWEET, 2008).

Considerando a importância de buscar compreender a realidade da pessoa surda, o presente trabalho defende que a produção fílmica se configura como um recurso capaz de representar contextos, pessoas, histórias e singularidades. Nesse sentido, por meio do filme “Nada que eu ouça”, é possível entender a realidade de uma família que já convivia com a surdez de Laura e que se depara com a perda da audição de Adam. Através da trama, podemos imergir no contexto vivenciado por essa família e refletir sobre as experiências que dizem respeito à surdez e ao sujeito surdo.

¹Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, amarillis.casimiro@hotmail.com;

²Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Campina Grande - UFCG e Residente de Psicologia da Residência Multiprofissional em Saúde da Criança (REMUSC/SES-PB), leonidiapereira1@gmail.com;



Diante disso, o objetivo é apresentar uma análise descritiva do filme “Nada que eu ouça”, a partir de considerações sobre a história do surdo e da surdez, de modo a realizar articulações com o que foi observado no filme.

METODOLOGIA

Trata-se de uma análise fílmica do filme “Nada que eu ouça” a partir de uma perspectiva que tece considerações sobre o sujeito surdo e a surdez. Destaca-se que o objetivo da análise é, então, explanar sobre a composição de determinado filme de modo a buscar interpretá-lo. A intenção é identificar elementos que compõem a trama e perceber a articulação entre os mesmos (PENAFRIA, 2009). Para tanto, o filme se configura como “o ponto de partida para a sua decomposição e é, também, o ponto de chegada na etapa de reconstrução do filme” (VANOYE; GOLLIOT-LÉTÉ, 1994 apud PENAFRIA, 2009, p. 2). Tal postura previne que sejam feitas interpretações que se distanciem da representação fílmica que é apresentada (PENAFRIA, 2009).

Nesse sentido, foi empregado o tipo de análise fílmica denominado de análise de conteúdo, por considerar o filme como um relato, adotando como foco, a temática abordada pela produção fílmica. Em um primeiro momento, realizou-se a identificação do tema do filme, depois, foi realizado um resumo sobre a trama e a identificação de elementos importantes para a interpretação propriamente dita (PENAFRIA, 2009).

REFERENCIAL TEÓRICO

Na Antiguidade, segundo Moura (2000), o surdo era considerado como um ser que tinha a Inteligência comprometida por não apresentar o domínio da fala e da audição. Nesse contexto, não eram considerados portadores de direito, justamente por serem desprovidos da língua oral que era avaliada como sendo imprescindível à compreensão das idéias.

Na Idade Média por sua vez, Moura (2000) destaca que era o discurso religioso que estipulava um lugar ao surdo. O mesmo passa a ser tido como sendo desprovido de “alma” por não falar os sacramentos, necessitando ser “salvos” através de seu recolhimento da vida em sociedade e de sua inclusão em asilos e instituições de caráter assistencial.

Apenas na Idade Moderna como expõe Moura (2000), é que surgiram as preocupações com a educação do surdo. A exemplo disso, temos a Espanha como expoente de tal preocupação, sendo voltada, no entanto, apenas para os surdos pertencentes à elite, a fim de



instruí-los. Nesse contexto é que se iniciam o que podemos chamar de primeiras referências no que se refere à língua de sinais, e no que diz respeito a uma educação voltada especificamente para os surdos. Tal educação, por sua vez se baseava na linguagem oral e na linguagem de sinais.

No tocante à Idade Contemporânea, Moura (2000) realça que apresenta como expressiva característica, os inúmeros educadores preocupados em analisar e elaborar métodos de ensino para a educação dos surdos. Em tal contexto, a surdez, por sua vez passa a ser considerada como uma limitação à aquisição de conhecimento, o que levou alguns pesquisadores, entre eles Jean Marc Gaspard Itard, a realizarem experimentos com surdos tais como a perfuração de seus tímpanos e a aplicação de descargas elétricas em seus ouvidos. Em tal contexto, como enfatiza Moura (2000), a surdez passou a ser considerada não mais como um problema filosófico, social ou religioso, mas sim como uma doença. Muitos dos defensores de tal idéia, acreditavam que por ser uma doença, deveria ser passível de cura, bem como de reabilitação a ser efetuada por meio do ensino da restauração da audição.

Mais a frente, como aponta Moura (2000), durante os primeiros séculos da Idade Contemporânea revezaram-se na Europa dois métodos educativos diferentes destinados aos surdos. O primeiro seria o da Alemanha, no qual se defendia a oralização dos surdos e a negação da língua de sinais; e por último, o método pregado na França, amparando-se por sua vez, na defesa e na promoção da língua de sinais, vindo a deixar seu legado mais tarde, em países como os EUA.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No que se refere à narrativa apresentada pelo filme, tem-se que em um primeiro momento, somos levados a perceber o fato de que a família é integralmente moldada às necessidades dos surdos, um exemplo disso é a campanha da casa de Laura, Dam e Adam, que ao invés de sinalizar a chegada de alguém através do som, sinaliza por meio da iluminação, piscando as luzes quando a campanha é tocada. Outro fato que nos chama a atenção é a convivência que a família tem com outros surdos, o uso constante da Língua de Sinais, bem como o trabalho de professora que Laura exerce com crianças surdas (SWEET, 2008).

A harmonia entre a família também se destaca, Laura e Dam além de um casal, são melhores amigos. Verdadeiros parceiros um do outro, sempre se ajudam e se apóiam nas tarefas do dia a dia e na educação de Adam, mas a relação dos dois muda a partir do momento



em que levam Adam ao hospital para tratar de um pequeno machucado e acaba sendo abordada pelo médico, a possibilidade de o garoto ouvir através do implante coclear. Imediatamente, Dam reluta e descarta essa possibilidade, mas ao lembrar que o filho não nasceu surdo, mas que tornou-se surdo ainda durante a infância, ele sente vontade de que o filho volte a ouvir e a falar, ele passa então a comparar a vida de surdo do filho *versus* a vida do garoto caso voltasse a ouvir (SWEET, 2008).

O pai passa a defender a ideia de que ouvir é algo fundamental para o filho, pois ele poderia ter as oportunidades que as pessoas ouvintes têm. Laura, por sua vez, se posiciona de forma contrária à Dam, pois acredita que o filho é feliz sendo como é, que o filho aceita a sua condição, além disso, considera a cirurgia muito arriscada e desnecessária (SWEET, 2008).

Diante da não concordância dos pais, os mesmos terminam por se divorciar e o caso vai parar nos tribunais, uma vez que os mesmos lutam pela guarda de Adam e, de certa forma, pela decisão referente à realização da sua cirurgia (SWEET, 2008). Podemos perceber que o dilema no qual se encontra a família retratada no filme, está diretamente ligado aos caminhos históricos que constituíram a identidade do surdo e da surdez. Fato este que traz muitas faces de uma mesma moeda.

A saber, a história dos surdos e da surdez foi narrada durante muito tempo por ouvintes, que em sua maioria, tinham como objetivo oralizar os surdos de modo que pudessem corresponder à hegemonia na qual reinavam os ouvintes falantes (MOURA, 2000). Tomando tal fato e aplicando-o à história do filme, poderíamos dizer que Dam seria um reflexo dessa história que visava oralizar os surdos. Teríamos, no entanto, em contrapartida, o posicionamento de Laura que atuaria a partir do argumento de que tal oralização termina por negar a identidade do surdo, uma vez que durante muito tempo a comunicação oral lhes foi imposta, da mesma forma em que lhes era negada, muitas vezes, a sua comunicação gestual por meio da língua de sinais.

Diante disso, fica claro o legado que a história da surdez e dos surdos deixou mesmo nos dias atuais que poderíamos dizer que é a realidade retratada no filme. Além disso, no caso do filme em questão, é representada a possibilidade atual de que o surdo passe a ouvir, isso ocorre através do implante coclear (VIEIRA *et al.*, 2014).

Logo, o implante tal qual a oralização imposta aos surdos ao longo de sua história, tem como caráter principal, a retirada de sua condição de diferente, para a sua inclusão no mundo dos ouvintes, ou seja, termina por dar margem para a não aceitação da sua condição, bem como o discurso de que a mesma não é “normal” (VIEIRA *et al.*, 2014).



Dessa forma, o implante ao mesmo tempo em que possibilita ao surdo a sua equivalência com os ouvintes, no sentido em que lhe propicia transitar entre o mundo dos ouvintes e o dos não ouvintes, nada mais é que o reflexo de uma história que colocou a surdez numa posição de doença, sendo o implante, a “cura” até então possível (VIEIRA *et al.*, 2014).

Faz-se importante destacar que o fato de Laura ser surda traz à tona ainda um fato relevante no caso do dilema do casal, afinal, à medida que Dam quer tornar Adam um ouvinte, por meio do implante coclear, surge o questionamento de que ele poderia estar denunciando a partir de tal posicionamento, a sua não aceitação da ex-esposa enquanto surda.

Dessa forma, fica clara a defesa de Dam em relação à comunidade dos ouvintes da qual ele faz parte, e a de Laura em relação à comunidade dos surdos da qual a mesma faz parte. Fica explícito também ao longo do filme, a complexidade do dilema no qual se encontra o casal, bem como as conseqüências que o mesmo acarreta em suas vidas e na vida de Adam. O filme termina, e a decisão judicial sobre a guarda de Adam não é exposta, ao invés disso, ocorre a reconciliação de Laura e Dam, ficando a incerteza quanto ao desenrolar do dilema.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como conclusão, podemos intuir por meio do filme e do referencial teórico apresentado, a influência e a presença do caráter histórico e temporal (passado, presente e futuro) que constituiu a identidade do surdo e da surdez. Sendo importante também, destacar os entraves para que o surdo passasse a ser considerado portador de linguagem, bem como para que passasse a ser respeitada a sua maneira de adquirir linguagem, sendo ela por meio do campo visual.

Além disso, fica clara a importância de estudos sobre a surdez e os surdos nas universidades, bem como da identidade e da cultura da comunidade surda para que novas compreensões sobre esses sujeitos sejam disseminadas. Se fazendo importantíssimo também, o ensino e a divulgação da Língua de Sinais para surdos e ouvintes, no caso do Brasil, da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), em escolas e em universidades, por exemplo, uma vez que é essa a língua primária dos surdos. Afinal, essas e outras mudanças contribuem imensamente para que os surdos tenham seus direitos garantidos, bem como desenvolvam a sua capacidade de aprender, de se comunicar e de se desenvolver integralmente.

REFERÊNCIAS



MOURA, M. C. *O surdo: caminhos para uma nova identidade*. Rio de Janeiro: Revinter/Fapesp, 2000.

PENAFRIA, M. Análise de Filmes -conceitos e metodologia(s). In: VI Congresso SOPCOM, Lisboa, 2009. Anais eletrônicos... Lisboa, SOPCOM, 2009. Disponível em: <http://www.bocc.uff.br/pag/bocc-penafria-analise.pdf>. Acesso em: 18 de out. de 2011.

SWEET nothing in My Ear. Direção de Joseph Sargent. Estados Unidos: Universal Studio, 2008. 1 DVD, 110 min.

VIEIRA S.S. et al. Implante coclear: a complexidade envolvida no processo de tomada de decisão pela família. *Rev. Latino-Am Enfermagem*, v. 22, n. 3, p. 415-424, May-Jun 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/0104-1169.3044.243>.